

**DO MONTE  
HÉLICON AO  
JARAGUÁ:  
O CASO  
PARTICULAR DO  
BRASILIENSES  
AURIFODINAE**

**ALEXANDRA DE  
BRITO MARIANO**

foi enquanto os reis espanhóis reinaram sobre as terras do Brasil que, pela primeira vez, o ouro começou a mostrar o seu brilho; foi no monte

*Jaraguá* perto de São Paulo.

**José Basílio da Gama, *Brasilienses aurifodinae*<sup>1</sup>**

A procura das riquezas mineiras no Brasil remonta a meados do século XVI mas será nos finais do século XVII que se irão descobrir os grandes filões de ouro das Minas Gerais, região que deve o seu nome à qualidade e quantidade das suas jazidas.<sup>2</sup> Tal circunstância permitiu o exponencial desenvolvimento socioeconómico da capitania cujas cidades se tornaram, já na metade de Setecentos, as mais populosas, ricas e cultas do Brasil.<sup>3</sup>

Neste contexto de opulência crescente e de afirmação de um “patriotismo particular”<sup>4</sup> destacar-se-á um grupo de poetas<sup>5</sup> e, de entre eles, José Basílio da Gama, nascido em 1741 no sítio da chácara do Cacheu, perto da vila de São José do Rio das Mortes (atualmente a cidade de Tiradentes).<sup>6</sup> Autor de considerável obra – com destaque para *O Uruguay* (Lisboa, 1769) cuja publicação perfez 250 anos –, o poeta

---

1 Versos 1564-1566 do poema. O original, no latim: *nam dum Brasilas dominantur in oras/ Hispani Reges, primum elucescere coepit./ Aurum Paulopoli Jaraguai in monte: notatum.*

2 O primeiro ouro brasileiro foi encontrado em São Vicente por volta de 1560 e cerca de dez anos mais tarde no Paranaguá (atual estado do Paraná). No século XVII, à medida que os bandeirantes iam avançando para o interior, os relatos de Paranaguá, Curitiba, São Vicente, Espírito Santo e Pernambuco iam convencendo a Coroa da potencial riqueza mineral da colónia. Não se conhecem quer a data, quer o local exatos da primeira descoberta do ouro da região de Minas Gerais, mas provavelmente o metal terá sido encontrado, entre 1693 e 1695, em vários pontos desta capitania por diferentes pessoas, provavelmente paulistas. Cf. BOXER, Charles Ralph. *The Golden Age of Brazil: Growing Pains of a Colonial Society: 1695-1750* (Lisboa: Carcanet Press em associação com a Fundação Calouste Gulbenkian e a Discoveries Commission, 1995), p. 35.

3 FIGUEIREDO, Fidelino. *História da literatura clássica: Continuação da II época (1580-1756); III época (1756-1825)* (São Paulo: Anchieta, 1946), p. 211. Dez ou quinze anos de afluxo do ouro brasileiro para Portugal teriam correspondido a todo o ouro remetido pela América aos espanhóis no decurso de 150 anos, anteriores a 1660. Cf. GODINHO, Vitorino Magalhães. “Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670-1770)”. *Revista de História*, Lisboa, n. 15, pp. 82-3, 1953.

4 VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1916, p. 212.

5 Referimo-nos a José de Santa Rita Durão, Cúdio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga e Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Os três primeiros, tal como Basílio da Gama, fizeram os estudos preparatórios no Colégio do Rio de Janeiro.

6 Para uma informação detalhada sobre a biobibliografia de Basílio da Gama, ver CHAVES, Vania Pinheiro. *O despertar do génio brasileiro: Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama* (Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000).

mineiro deixou-nos um poema em latim, um dos primeiros da sua lavra,<sup>7</sup> que se encontra ainda inédito: o *Brasilienses aurifodinae* (“As minas de ouro do Brasil”), centrado no tema da mineração do ouro, tal como se praticava à época no Brasil e especificamente nas Minas Gerais, e que terá sido redigido quando o poeta se encontrava longe da sua terra natal.<sup>8</sup>

É sabido que Basílio da Gama entrou para o Colégio do Rio de Janeiro em 1757 e aí recebeu os primeiros votos. Dois anos mais tarde, com a extinção da Companhia de Jesus e a sua expulsão do reino e colónias, o poeta terá renunciado aos seus votos e procurado refúgio nos Estados Pontifícios, como sucedeu então com muitos inacianos. Em 1760, estaria a residir em Roma e aí procuraria o seu reingresso na Ordem ou, pelo menos, adquirir com a ajuda de antigos mestres e colegas uma situação estável.<sup>9</sup> É bem provável que o complicado momento que ensombrou então a Sociedade de Jesus e o facto de Basílio da Gama ter abandonado os votos tenham contribuído para fragilizar a sua posição aos olhos dos seus anteriores companheiros e inviabilizar a sua desejada pretensão.

O poeta terá, no entanto, mantido o contato com padres jesuítas e circulado entre os meios literários cultos da cidade onde terá estado de 1760 a 1767.<sup>10</sup> Frequentou a conhecida Arcádia Romana, importante polo de agregação cultural onde foi aceite, em 1762, adotando o nome Termindo Sipílio.<sup>11</sup> Nas reuniões desta academia participarão, durante

---

7 Tal como dois sonetos em italiano (1764) que são sensivelmente da mesma altura: “Questa è di fiumi la superba imago” e “Se in tal dì, che i suoi raggi il Sol d’orrore”. Cf. CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira: Um caso de diálogo textual*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990. 2 v., p. 927. Tese (Doutoramento em Letras).

8 O poema tem um extenso título como era hábito à época: *BRASILIENSES AURIFODINAE/ POEMATE DIDASCALICO/ Ab Aurifodinensibus Musis depromptae,/ sive/ De AURO, EIUSQUE EXTRACTIONE IN/ BRASILIA/ POETICA DESCRIPTIO/ A Josepho Basilio Gama/ elucubrata./ additis,/ Et Compendiaria appendice, soluta oratione:/ Et curiosa quaestione de Auri genesi. “AS MINAS DE OURO DO BRASIL/ EM POEMA DIDÁTICO/ apresentado pelas musas das minas de ouro/ ou/ DO OURO E DA SUA EXTRAÇÃO NO/ BRASIL/ COMPOSIÇÃO POÉTICA/ preparada cuidadosamente por/ José Basílio Gama/ com apêndices,/ um resumo em prosa/ e questão curiosa sobre a origem do ouro.”*

9 “Aquê, pela sua já notória brandura de carácter, era de admiração aos demais, por não ter caído logo com os primeiros embates; e ainda depois, cobrando maior ânimo, partiu para Roma, onde pediu o admitissem entre os companheiros.” / “(...) et Basilius quidem ob notam animi mollitiem miraculo sociis jampridem erat, quod inter primos non defecisset; quamquam et hic animosior factus Romam venit, utque inter socios admitteretur, postulavit.” Cf. CAEIRO, José S.J. “De exilio Provinciae Brasiliensis Societatis Iesu / “Desterro dos jesuítas da província do Brasil (Liber primus)”. *De exilio Provinciarum Transmarinarum Assistentiae Lusitanae Societatis Iesu* (1764) (Academia Brasileira das Letras, Baía, 1936), pp. 250-1.

10 Em finais de 1766 ou princípios de 1767 regressaria ao Brasil (partindo em 1768 para Lisboa), deixando definitivamente a Itália.

11 Ver CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira: Um caso de diálogo textual*, op. cit. 1 v., p. 579. A *Arcadia Romana* ainda estaria ativa em 2011. Ver MARNOTO, Rita. “Os estatutos da Arcádia Romana e da Arcádia Lusitana”. *Miscelânea de estudos em honra de Maria Manuela Gouveia Dellile*, (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, n. 22, 2011), p. 680. Os árcades Termindo Sipílio (Basílio da Gama) e Filillo Lipareo (Enrico Turner) indicariam, em 1763, o nome de Joaquim Inácio de Seixas Brandão para sócio. O diploma de admissão deste poeta brasileiro na agremiação romana é, simultaneamente,

Setecentos, ilustres professores inacianos do Colégio Romano, que era o centro das atividades educativas do Instituto na Europa.<sup>12</sup> A Arcádia Romana beneficiou, na verdade, do influxo de saber trazido e irradiado por este colégio, onde se privilegiava a partilha de informação, sobretudo científica, e que era frequentado quer por jesuítas e estudantes provenientes de diversos países e de outros colégios inacianos, quer por estudiosos e visitantes distintos de todo o mundo.<sup>13</sup>

É por esta altura, paradoxalmente numa fase em que a produção aurífera das Minas Gerais já se encontrava em declínio,<sup>14</sup> que “As minas de ouro do Brasil” terá sido redigido, por certo como prova dos dotes poéticos e literários de Basílio da Gama, frustrada a sua reentrada na Companhia de Jesus, para ingressar na referida e prestigiada Arcádia.<sup>15</sup>

O poema didático, num total de 1823 hexâmetros, está escrito em latim, como mencionámos anteriormente, língua de largo espetro que era empregue na comunicação e difusão do saber culto à época e que o poeta certamente dominaria, dada a formação jesuítica recebida no Brasil. O vocabulário do texto é sobretudo do latim clássico, mas Basílio da Gama introduz também neologismos – topónimos latinizados de que se socorre para traduzir realidades geográficas das Minas Gerais como, por exemplo, a

---

o primeiro documento que atesta a criação de uma academia ultramarina, uma filial da Arcádia Romana no Brasil, em Minas Gerais. Sobre a Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina e os esforços desenvolvidos por Basílio da Gama, Seixas Brandão e Cláudio Manuel da Costa neste empreendimento, ver ANJOS, Carlos Versiani dos. “A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: Diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII / The Roman Arcadia and the Arcadia Ultramarina: Literary Dialogues between Italy and Brazil in the Second Half of the Eighteenth Century”. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 28, n. 3, 2019, pp. 83-114.

<sup>12</sup> Destacamos, por exemplo, Orazio Borgondio e o seu discípulo, na cadeira de lógica e matemáticas no Colégio Romano, Roger Boscovich. Borgondio publicou, uma série de curtos poemas em hexâmetros sobre movimento mecânico, movimento do sangue, respiração, voar, nadar, andar que muitas vezes eram lidos como entrada aos seus cursos. O seu nome na Arcádia Romana era Achemenide Megalopolitano. Boscovich escreveu igualmente poesia didática científica em latim, nomeadamente um tratado sobre a aurora boreal, em 1738, e um poema em cinco livros sobre eclipses solares e lunares com versão definitiva de 1763. Foi também poeta árcade e adotou o nome de Numenius Anigreus. Cf. HASKELL, Yasmin Annabel. *Loyola's Bees: Ideology and Industry in Jesuit Latin Didactic Poetry*. (Oxford: Oxford University Press, 2003), pp. 191-2.

<sup>13</sup> A rainha Cristina da Suécia, por exemplo, terá feito a primeira de muitas visitas ao Colégio em 18 de janeiro de 1656 (APUG 142 fols. 81r-83r).

<sup>14</sup> “The maximum yield from the mining sector occurred during the latter half of 1750s and between 1755-9 and 1775-9 there was a drop-in output of 51.5 per cent.” Cf. ALDEN, Dauril. “Late Colonial Brazil, 1750-1808”. In: BETHELL, L. (Ed.). *The Cambridge History of Latin America, 2 v.: Colonial Latin America* (Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1989), pp. 620-1. O volume de ouro extraído das minas do Brasil terá sido, no seu total, muito significativo. Como já apontado na nota 3, para Vitorino Magalhães Godinho, dez ou quinze anos de afluxo do ouro brasileiro para Portugal teriam correspondido a todo o ouro remetido pela América aos espanhóis no decurso de 150 anos, anteriores a 1660. Cf. GODINHO, Vitorino Magalhães. “Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670-1770)”, (op. cit.), pp. 82-3.

<sup>15</sup> Assim o afirma o padre Lourenço Kaulen, ver nota. 19. CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira: Um caso de diálogo textual* (op. cit.), 1 v., p. 578. Ver também MARIANO, Alexandra de Brito. “New World ‘Ethiopians’: Slavery and Mining in Early Modern Brazil through Latin Eyes”. In: HASKELL, Y.; RUYS, J. F. (Eds.). *Latinity and Alterity in the Early Modern Period* (Tempe, AZ: Medieval and Renaissance Texts & Studies; Arizona: Brepols, 2010), pp. 201-20.

cidade *Marianna* (v. 1745) ou o monte *Jaraguai* (v. 1566). Usa igualmente vocábulos do português e do tupi numa tentativa de suprir a carência de termos técnicos para descrever processos e atividades específicos da mineração aurífera – vejam-se expressões indicativas dos modos de minerar como *Lavras* (v. 788) e *Catas altas* (vv. 832 e 1366-7), bem como recursos e instrumentos empregues na mineração tais como *Molinete* (vv. 917, 1120, 1138, 1463) e *Almocafre* (vv. 383, 942, 1403), ou ainda formações geológicas como *Tapanhum-acanga* (v. 325) e *Yby-peara* (vv. 222, 760 e 1367).<sup>16</sup> A estratégia pedagógica e o pragmatismo do poeta evidenciam-se ao longo do texto na enumeração e explicação do conjunto de procedimentos e de técnicas respeitantes à mineração (primeiro refere instrumentos e técnicas empregues na extração nos cursos de água, em seguida a mineração no interior de galerias escavadas para o efeito). As suas intenções “didáticas” transparecem igualmente na visão utilitária, aliás comum à época, sobre a escravatura e, em particular, sobre os *aethiopes*, os escravos negros africanos em que assentava a economia mineira do ouro das Gerais. Destaca aspetos relativos à sua escolha e compra, aos contratos estabelecidos com o senhor, ao trabalho e castigos recebidos, às doenças comuns de que padeciam e a muitas outras particularidades da sua vida quotidiana tais como a alimentação, o vestuário, a habitação, a vida conjugal, as crenças e os costumes.<sup>17</sup> O poeta demonstra, desta forma, autoridade e conhecimento circunstanciado sobre a temática da mineração aurífera brasileira, atividade com que contactara pela experiência da sua juventude nas Minas Gerais, conforme o próprio destaca no início do prefácio (*ubi per plures annos fueram ocularis testis, “onde durante muitos anos fora testemunha ocular”*, l. 3), e que pretendia dar a conhecer nos círculos romanos que frequentava.<sup>18</sup>

É importante realçar, no entanto, que a autoria do poema levantou desde cedo dúvidas. Em época contemporânea à do autor, o padre

---

<sup>16</sup> Estes vocábulos são destacados no poema com sublinhado descontínuo. Sobre particularidades linguísticas e vocabulário do texto, ver: MARIANO, Alexandra de Brito. *Brasilienses aurifodinae. O ouro e a literatura didáctica no Brasil Setecentista*. Faro: Universidade do Algarve, 2005. 1 v.. pp. 80-90 e 122-31. Tese (Doutoramento em Literatura Clássica).

<sup>17</sup> Ver MARIANO, Alexandra de Brito. “Visões do ‘outro’ no Brasil colonial”. In: PETROV, Petar et al (Eds.). *Avanços em Literatura e Cultura Brasileiras. 6 v. – séculos XV a XIX*. Santiago de Compostela – Faro: Associação Internacional de Lusitanistas; Através Editora, 2012, pp. 27-42.

<sup>18</sup> Ao contrário, por exemplo, de Vieira e Antonil que não presenciaram os factos que descrevem, nem estiveram na região que será conhecida por Minas Gerais, e recorrerem a testemunhos orais e escritos transmitidos por terceiros para descrever o trabalho nas minas (Vieira refere-se à mineração da prata). Cf. VIEIRA, António, SJ. “Sermão da 1.<sup>a</sup> Oitava da Páscoa”. In: \_\_\_\_\_. *Sermões* (Porto: Lello & Irmão, 1959). 2 v., t. 5, pp. 219-55 (em especial p. 230); e ANTONIL, André João, SJ. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas: Texte de l’edition de 1711* (Paris: Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine, 1968), respectivamente, pp. 382-7 e pp. 444-51.

Lourenço Kaulen, na *Resposta apologética*, sublinhou o apoio que o poeta mineiro teria recebido dos conterrâneos Rodrigues de Melo<sup>19</sup> e Francisco da Silveira,<sup>20</sup> e, posteriormente, Carlos Sommervogel e Serafim Leite atribuíram a Silveira um poema sobre o ouro que nunca teria sido publicado.<sup>21</sup> Mais recentemente, o historiador Palacín parece assumir uma posição de compromisso. Se por um lado não desdiz os seus companheiros, por outro atribui ao escritor mineiro uma entrada onde refere a sua vida e obra e, em particular, um poema de tema e título coincidentes (no singular): *Brasiliensis aurifodina*.<sup>22</sup>

Sabemos que José Rodrigues de Melo viveu em Roma e que terá publicado nesta cidade, em 1781, o extenso poema didático comumente apelidado *Geórgicas brasileiras*, acrescido do canto sobre o açúcar de Prudêncio do Amaral,<sup>23</sup> de estrutura e temática muito semelhantes às de *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*, do padre André Antonil, saída dos prelos em Lisboa em 1711, mas imediatamente apreendida e destruída por não interessar à coroa portuguesa a divulgação dos possíveis caminhos para as minas. A mineração do ouro, que é descrita em pormenor na terceira parte, não encontra

---

19 Nasceu no Porto em 1723 e entrou na Companhia, na Baía, em 1739. Fez a profissão solene em 1756 no Colégio de Paranaguá, onde era professor de letras humanas quando o surpreendeu a perseguição, sendo deportado, em 1760, do Rio de Janeiro para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em 1789, em Roma. Cf. LEITE, Serafim S. J. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-50), 10 v., t. 9, 1949, pp. 100-2.

20 “Conheceu o Jesuíta Francisco da Silveira, que além de o favorecer e socorrer muito em Roma lhe corrigia os versos, que eram dignos de emenda; e os que não chegavam a sê-lo, os substituíra com outros que de novo fazia. Conheceu, falou e tratou ao Jesuíta José Rodrigues [de Melo], que além dos versos por ele dados à luz, lhe compôs outros muitos os quais como obras suas repetia na Arcádia para poder merecer com eles um lugar entre aqueles académicos.” Cf. KAULEN, Lourenço. “SJ, Refutação das calumnias contra os jesuítas contidas no poema *Uruguai* de José Basílio da Gama [*Resposta apologetica ao poema intitulado “O Uruguai” composto por José Basílio da Gama, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeyras e Marques de Pombal*, Lugano: s.n., 1786]”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio e Janeiro, t. 68, parte 1, 1907, pp. 93-224; apud LEITE, S. SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit., t. 8, p. 89. Francisco da Silveira nasceu em 1718 em S. Jorge (Açores) e entrou na Companhia em 1735. Fez a profissão solene no Recife, em 1753; era um excelente pregador e professor de letras humanas e filosofia. LEITE, S. SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit., t. 10, pp. 126-7. O *Catalogus brevis Provinciae Brasiliensis an. 1757* afeta-o ao Colégio da Baía com o cargo de *operarius*. Quando faleceu usava o nome completo de família, Francisco da Silveira Fagundes. Cf. *ibid.*, t. 7, p. 436.

21 Serafim Leite afirma também que Basílio da Gama teria lido “algumas composições poéticas que são na realidade dos poetas humanistas e jesuítas do Brasil, Francisco da Silveira e José Rodrigues de Melo”. Cf. *id.*, SJ. “Palavras do Sr. Serafim Leite”, S.I.. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 40, v. 62, jul./dez. 1941, pp. 209-11. Não existe uma entrada para Basílio da Gama na monumental obra de Sommervogel, ao contrário do que sucede com Francisco da Silveira a quem é atribuída a autoria de uma “lunga descrizione dello scavo delle miniera dell’oro del Brasile in versi Latini esametri”. SOMMERVOGEL, Carlos, SJ, et al (Ed.). *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Brussels: Oscar Schepens, Paris: Alphonse Picard, 1890-1932, 12 v., t. 7, col. 1210.

22 O’NEILL, Charles; SJ. & DOMÍNGUEZ, Joaquín Maria (Dir.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús (Biográfico-Temático)*. Roma: Institutum Historicum, S.I., 2001, t. 4, col. 3577; e também: *ibid.*, t. 1, cols. 367-368.

23 MELO, José Rodrigues de., SJ, *De rusticis brasiliae rebus carminum libri iv. – Accedit Prudentii Amaralii brasiliensis de sacchari opificio carmen*. Roma: Ex Typographia Fratrum Puccinelliorum, 1781.

qualquer correspondência no texto de 1781 de Melo e Amaral, o que levou alguns estudiosos a considerarem que estaria prevista a inclusão de um *carmen* sobre o metal, possivelmente o *Brasilienses aurifodinae*, mas que este teria sido excluído pelo próprio Rodrigues de Melo, que o teria substituído pelos livros sobre a mandioca, com o intuito de que o poeta de *O Uruguai* e de *Quitúbia não se visse prestigiado pelos colegas da Companhia que entretanto repudiara*.<sup>24</sup> Avançou-se também a possibilidade de Rodrigues de Melo ter considerado a publicação do texto incluindo o nome de Francisco da Silveira, mas de não o ter feito para não suscitar querelas sobre a autoria do poema. Por outro lado, seria possível que os círculos literários que Basílio da Gama frequentava em Roma, nomeadamente a Arcádia, não estivessem a par do forte apoio literário que Basílio da Gama recebera dos seus mestres, o que poderia “ter suscitado um escândalo literário, e do qual nenhuma das partes teria saído ileso e isento de desonestidade intelectual”, bem como não seria oportuno nem conveniente, numa altura tão desfavorável à Companhia de Jesus, colocar em causa “um mito que os jesuítas teriam ajudado a erguer, prevaricando, assim, aos princípios mais elementares de uma ética fundamental”.<sup>25</sup> Tendo em conta os seguintes pressupostos, o poema seria no grosso da responsabilidade de Francisco da Silveira com as contribuições de Rodrigues de Melo e de Basílio da Gama, antes do rompimento dos seus votos com o Instituto.<sup>26</sup>

Sem descurar a longa polémica que envolve a autoria do *Brasilienses* e acautelando o eventual apoio de inacianos, parece-nos que não é produtivo questionar a autoria do texto que, em 2006, foi doado pelo bibliófilo Mindlin à Universidade de São Paulo e que se encontra presentemente no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.<sup>27</sup> A página de rosto do *Brasilienses aurifodinae* faz menção à autoria da obra: *POETICA DESCRIPTIO/ A Iosepho Basilio Gama/ elucubrata* (“Composição poética/ preparada cuidadosamente por/ José Basílio da

---

24 Ver Raul Sozim e Sérgio Zan na introdução à sua edição de *De rusticis Brasiliae rebus*. Cf. MELO, José Rodrigues de, S.J.; AMARAL, Prudêncio do, S.J. *Temas rurais do Brasil*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1997, p. 20.

25 Ver RODRIGUES, Mirtes Rocha; PONTARA, Celso. “Brasilienses aurifodinae: Sua dúvida autoria”. *Revista de Letras*, v. 19, 1977, p. 139. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/27666256](http://www.jstor.org/stable/27666256)>. Acesso em: 31 mai. 2021.

26 *Ibid.*, pp. 138-9.

27 Sobre o percurso atribulado do manuscrito ver: MARIANO, Alexandra de Brito. *Brasilienses aurifodinae. O ouro e a literatura didáctica no Brasil Setecentista*, op. cit., 1 v., nota 11, p. 156. Sobre a autoria do manuscrito, ver: LAIRD, A. & ARBO, D. “Columbus, the Lily of Quito, and the Black Legend: The Context of José Manuel Peramás Epic on the Discovery of New World: ‘De invento Novo Orbe inductoque illuc Christi sacrificio’”. *Dieciocho*, v. 38, n. 1, 2015, p. 14; e também HASKELL, Yasmin. “Latin Scientific Poetry under the Shadow of the Jesuit Suppression”. *Die Poesie der Dinge*, Berlin, Boston: De Gruyter, 2021, pp. 239-256.

Gama”) e acresce que não é possível ler os nomes, seguidos de *S.J.* e de *Socius* (“Companheiro”), rabiscados nesta página por mão diferente já depois da diagramação do texto<sup>28</sup>

O manuscrito está organizado em caderno, sem numeração de páginas, mas a caligrafia é bem desenhada e a estrutura coesa, com articulação perfeita entre as várias partes e o seu conteúdo: página de guarda (1 p.), rosto (1 p.) e prefácio (*Curioso lectori*, 1 p.), poema propriamente dito (38 fls. r/v e 1 p.) e por fim resumo (*Appendix compendiaría*, 4 fls. r/v e 1 p.), apêndice (*Quaestio curiosa*, 4 fls. r/v) e índice (*Index rerum notabilium*, 5 fls. r/v).

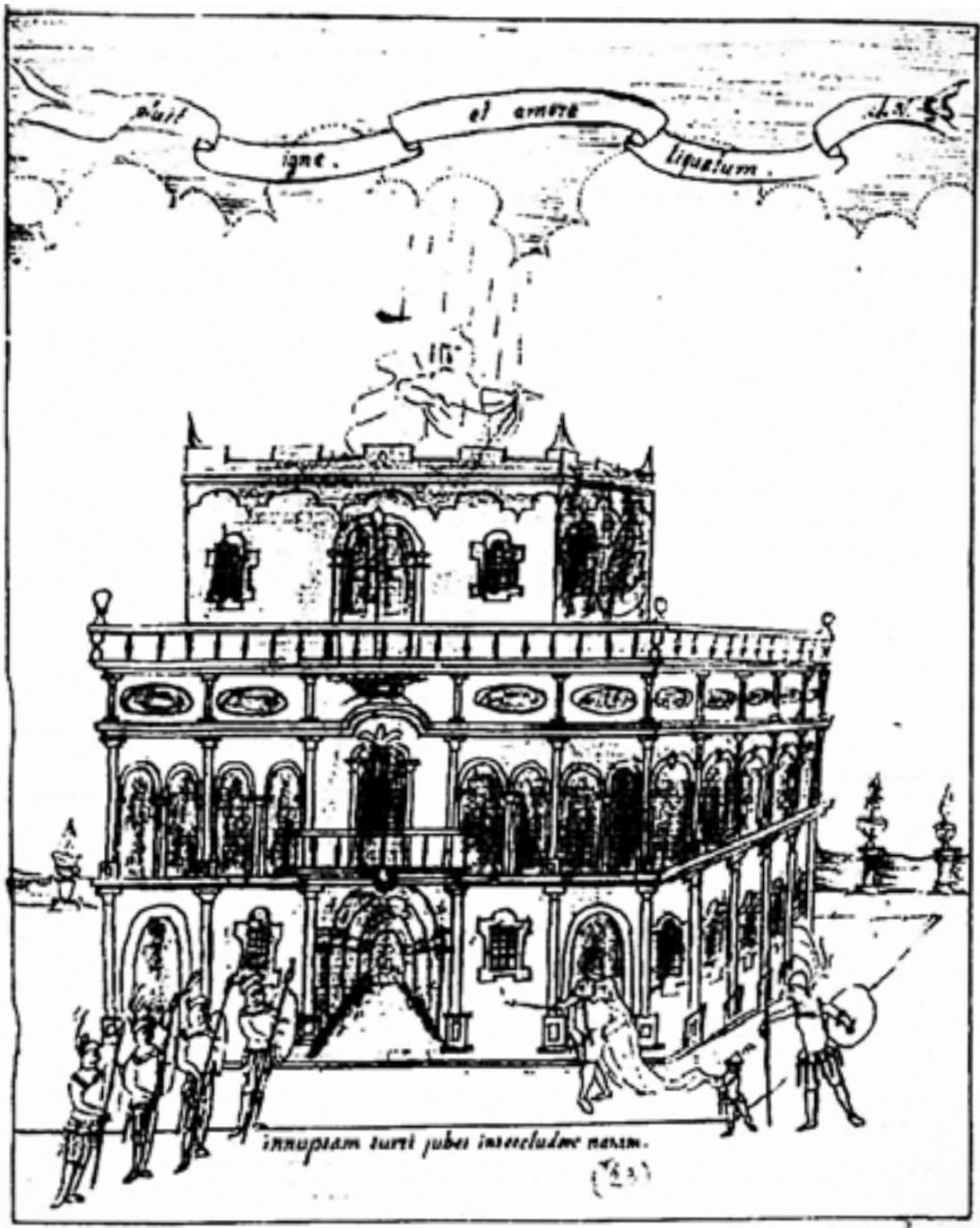
O caderno apresenta páginas com imagens no princípio e no fim numa espécie de enquadramento que abre em perspetiva para o texto, criando um efeito de teatralidade muito ao gosto inaciano (vejam-se as imagens 1 e 2). Os desenhos, como aliás as próprias palavras, eram um elemento persuasivo essencial na tradição retórica inaciana e esta prática foi fortemente encorajada desde cedo no seio da Companhia de Jesus. Algumas obras, como por exemplo a célebre *Evangelicae historiae imagines* (Antuérpia, 1593), utilizavam gravuras para reforçar a mensagem do evangelho e desempenhavam papel crucial no trabalho missionário dos jesuítas.<sup>29</sup> Os recursos visuais eram entendidos como instrumentos didáticos que se acomodavam perfeitamente à transmissão do conhecimento de uma forma prática e funcional e constituíam, portanto, também um elemento chave da estratégia pedagógica ensinada nos colégios da Companhia.

O cariz alegórico do desenho da página de abertura do poema (ver imagem 1) remete para o episódio mitológico de Dánae (Ovídio, *Met.*, 3, v. 611 sgs.). Segundo a lenda, Acrísio, rei de Argos, assustado com a profecia que vaticinava a sua morte às mãos do neto, manda encerrar a filha numa torre. Mas Júpiter, num rebate apaixonado, transforma-se em chuva de ouro e, entrando por uma janela da torre, cai no regaço da jovem; desta união nasceu Perseu. Esta imagem apresenta um edifício com torreão, uma figura coroada (entre outras) e a chuva de ouro enquadrados por versos do texto: ao cimo, *pluit igne, et amore liquatum* (“cai em forma de chuva de ouro, derretido pelo amor”, v. 55);

---

<sup>28</sup> Não é possível estabelecer relação com a assinatura de Francisco da Silveira reproduzida por Serafim Leite. Cf. LEITE, Serafim S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit., t. 9, p. 137.

<sup>29</sup> Cf. GORMAN, Michael John. “Mathematica and modesty in the Society of Jesus”. In: FEINGOLD, M. (Ed.). *The New Science and Jesuit Science: Seventeenth Century Perspectives*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003, p. 28 e sgs.



em baixo, *innuptam turri jubet intercludere natam*, (“manda encerrar a filha virgem numa torre”, v. 23). A dupla página de fecho (imagem 2), em jeito mais prosaico, reproduz os vários processos, técnicas de mineração (os aquedutos, por exemplo) e instrumentos (a bateia, o almocafre, a alavanca, a roldana, a carreta, entre outros). Estas imagens que acompanham o poema atestam o jogo entre a ficção de matriz clássica greco-romana e “a verdade nua, sem enfeites” de “tudo aquilo que se costuma observar nas minas de ouro do Brasil” (prefácio ll. 9, 17-18) que o poeta quer dar a ler.

É certo que Basílio da Gama não é único na apropriação de referentes e modelos clássicos como Virgílio ou Ovídio, nem na mestria com que alia ficção e ciência em verso, nem mesmo no tema que escolhe poetar. O ouro exerceu fascínio comprovado sobre um grupo de padres inacianos do século XVIII, de vários pontos da Europa e também do Novo Mundo, que escreveram poemas didáticos igualmente extensos sobre o vil metal e a mineração.<sup>30</sup> Referimo-nos ao *Metallurgicon* (Tirnavu, 1748)<sup>31</sup> do húngaro Joseph Bartakovics, ao *L'oro, poema in iv libri* (Milão, 1770) de Gasparo Luigi Cassola<sup>32</sup>, ao *Rusticatio mexicana* (Modena, 1781; Bolonha, 1782) do guatemalteco Rafael Landívar<sup>33</sup> e ao *Aurum* (Paris, 1703), de François Antoine le Febvre.<sup>34</sup> Este último é, aliás, citado por Basílio da Gama no *Brasilienses aurifodinae*. Tal facto não faz desmerecer a novidade do poema basiliano, pelo contrário. É o próprio poeta que, no prefácio, esclarece terem sido as imprecisões do poema francês que motivarem a resposta que é o seu texto. Na realidade, de todos os poemas referidos, o

---

<sup>30</sup> Devemos a Yasmin Haskell a indicação da existência dos poemas didáticos sobre o ouro. Já tivemos oportunidade de o avaliar noutro artigo. Cf. MARIANO, Alexandra de Brito. “As Minas de ouro das Américas, novos espaços para a imaginação científica”. In: OLIVEIRA, Francisco; TEIXEIRA, Cláudia; DIAS, Paula Barata (Org.). *Espaços e paisagens: Antiguidade clássica e heranças contemporâneas. Actas de Congresso – VII Congresso APEC*. Coimbra: Associação de Estudos Clássicos e Imprensa de Universidade de Coimbra, v. 2, 2009, pp. 395-404.

<sup>31</sup> Bartakovics (1722-63) nasceu em Szalakuz e ensinou filosofia, história, direito e teologia em Kaschau. Cf. SOMMERVOGEL, Carlos, SJ, et al. (Ed.). *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, op. cit., t. 1, col. 962.

<sup>32</sup> Cassola nasceu em 1743 em Gravedona (lago de Como) e entrou no noviciado em 1759. Ensinou gramática em Como, humanidades em Milão e retórica em Gênese. Publicou outros poemas: *L'astronomia* (Milão, 1774); *La pluralità de mondi* (Milão, 1774) e *L'uomo socievole* (Milão, 1778). Faleceu em 1780. Cf. *ibid.*, t. 2, col. 821.

<sup>33</sup> Landívar nasceu na cidade de Santiago de los Caballeros de Guatemala (hoje conhecida como Antigua) e estudou no Colégio de San Francisco de Borja, seminário da Companhia de Jesus. Em 1767, com a supressão da Companhia, foi expulso da Guatemala, fixando-se, depois de um percurso atribulado, em Itália (Bolonha) onde viria a morrer. Ensinou retórica e filosofia. A *Rusticatio* terá sido escrita na altura em que estava exilado em Itália.

<sup>34</sup> Nasceu em 1670 em Clairvaux (Jura) e ensinou durante algum tempo humanidades na sua província. Ainda antes de 1703, data da edição do seu poema sobre o ouro, foi chamado a ensinar no Colégio Louis-le-Grand em Paris, cidade onde viria a morrer em 16 de Setembro de 1737. Além do poema *Aurum*, inserido nos *Poemata didascalica*, v. 1, pp. 210-23 (1.<sup>a</sup> ed., Paris, 1749) conhecem-se outros poemas didáticos da sua autoria, também reunidos na colectânea de Oudin, *Terrae motus* (Paris, 1704) e *Musica* (Paris, 1704). Cf. SOMMERVOGEL, Carlos, SJ, et al. (Ed.). *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, op. cit., t. 3, cols. 577 e 558.

*Aurum* é aquele em que a ficção e a mitologia suplantam a realidade e também aquele em que está ausente o registo patriótico que podemos encontrar nos outros textos e, em particular, no *Brasilienses aurifodinae*.

Enquanto no *Aurum* a fábula de Júpiter e Dánae<sup>35</sup> é convocada sobretudo para demonstrar o poder despótico do ouro que vence o pudor da princesa argiva, no *Brasilienses aurifodinae* o ouro também “vence tudo” (*Omnia vincit aurum*),<sup>36</sup> mas o mesmo mito é retratado na imagem de abertura do poema.<sup>37</sup> É também através desta ficção que o poeta, logo após a proposição (vv. 1-4) e a invocação (vv. 5-11), inicia a narração reivindicando para o Brasil a primazia do ouro: “A terra do Brasil, que fica compreendida na zona central, é a terra que, como ensina a tradição, se torna mais abundante em ouro, porque foi enriquecida pela saraivada de ouro de Júpiter” (*Ergo Brasilica, ut docet experientia, zona/ Quae media praecineta jacet, fit abundior auro/ Terra, quod aurata Jovis est a grandine dives. vv. 77-9*).

Ao recordar a tradição mitológica e literária da antiguidade clássica associada à origem do ouro (a que acrescentará a de químicos e físicos antigos e modernos), transpondo-a para o Brasil, o poeta procura não apenas consolidar o seu discurso acerca da grandeza do ouro e da sua mineração, mas também e sobretudo reivindicar legitimidade cultural para o seu poema e terra natal.

---

<sup>35</sup> & claustra potentius ictu/ Fulmineo perrumpit ovans; nec cura/ Acrisii, rigidaeve fores, nec ahenea turris/ Inclusam pluvio Danaen defendit ab auro. “O ouro todo poderoso, com o seu golpe fulminante, quebra ferrolhos dando brados de alegria; nem o cuidado do severo Acrísio, as fortes portas ou a torre de bronze, defenderam Dánae, aí encerrada, da chuva de ouro.” Cf. LE FEBVRE, François. *Aurum*, vv. 328-38, pp. 221-2.

<sup>36</sup> Recuperação da máxima virgiliana *Amor omnia vincit* (*Bucólicas*, 10, v. 69).

<sup>37</sup> Esta é apenas uma das inúmeras referências clássicas do *Brasilienses aurifodinae*. Os modelos mais importantes são sobretudo Ovídio e Virgílio. Refira-se, a título de exemplo, os mitos de Midas, v. 264 sgs. (Ovídio, *Met.*, 11, v. 85 sqq.), Proteu, v. 514 (cf. Ovídio, *Met.*, 11, v. 224 sgs. e também Virgílio, *Geórg.*, 4, v. 387 sgs.); Júpiter, enquanto criança, v. 268 (Ovídio, *Fastos*, 5, v. 115); a fábula de Fedro *Mons parturiens*, vv. 350-1 (Fedro, *Fab.*, 4, 24).

ALEXANDRA DE BRITO MARIANO é professora na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Como tradutora, coordenou a equipe de tradução do *Tractatus de novorum operum aedificationibus eorumque nuntiationibus* (1750), de Manoel Álvares Ferreira, obra central para a história da arquitetura de Portugal e do Brasil no século XVIII [Prémio Fundação Calouste Gulbenkian, 2009], realizou as primeiras traduções bilíngues (latim-português) do *Elogio da loucura*, de Erasmo de Roterdão (Lisboa, Vega, 2012) e do *Itinerarium de Egéria – Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV* (Lisboa, Aletheia, 2015). Neste ano, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin publicará sua tradução de *Brasilienses aurifodinae*, poema inédito de José Basílio da Gama.

## REFERÊNCIAS

- ALDEN, Dauril. Late Colonial Brazil, 1750-1808. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *The Cambridge History of Latin America, vol. II: Colonial Latin America*. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1989, pp. 601-660.
- ANTONIL, André João, SJ. *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas: texte de l'edition de 1711*. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1968.
- BARTAKOVICS, Joseph, S.J. *Metallurgicon, sive De Cultura Fodinarum Auri et Argenti. Adjectus Indiculus Vocabulorum Quorundam ad Aurariam Argentariamque Spectantium. Latine, Hungarice et Germanice*. Tyrnau: Typ. Academicis Soc. Jesu, 1748.
- BOXER, C. R. *The golden age of Brazil: growing pains of a colonial society: 1695-1750*. Lisbon: Carcanet Press in association with the Calouste Gulbenkian Foundation and the Discoveries Commission, 1995.
- CASSOLA, Gasparo Luigi, S.J, *L'Oro poema*. Milano: Appresso Guiseppe Galeazzi Regio Stampatore, 1770.
- CHAVES, Vania Pinheiro. *O “Uruguai” e a fundação da literatura brasileira: um caso de diálogo textual*. (Doutoramento em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1990, vol. II, p. 927.
- \_\_\_\_\_. *O despertar do génio brasileiro: uma leitura de “O Uruguai” de José Basílio da Gama*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
- FIGUEIREDO, Fidelino. *História da Literatura Clássica: continuação da II época (1580-1756); III época (1756-1825)*. S. Paulo: Anchieta, 1946.
- GAMA, José Basílio da. Ex. S.J. *Brasilienses Aurifodinae Poemate*

- Didascalico ab Aurifodinensibus Musis Depromptae, sive De Auro, Ejusque Extractione in Brasilia Poetica Descriptio a Josepho Basilio Gama Elucubrata. Additis, et Compendiaria Appendice, Soluta Oratione: et Curiosa Quaestione de Auri Genesi.* [Roma: 1762?]
- GODINHO, Vitorino Magalhães. Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670-1770). *Revista de História*, Lisboa, n. 15, pp. 82-83, 1953.
- GORMAN, Michael John. *Mathematica and modesty in the Society of Jesus*. In: FEINGOLD, M. (Ed.). *The new science and jesuit science: seventeenth century perspectives*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003, pp. 1-120.
- HASKELL, Yasmin Annabel. Die Poesie der Dinge. Latin Scientific Poetry under the Shadow of the Jesuit Suppression. De Gruyter, 2021, pp. 239-255.
- \_\_\_\_\_. *Loyola's bees: ideology and industry in jesuit latin didactic poetry*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- KAULEN, Lourenço, SJ. Refutação das calumnias contra os jesuítas contidas no poema “Uruguai” de José Basílio da Gama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1907, t. 68, parte 1, pp. 93-224.
- LANDÍVAR, Raphael, SJ. *Rusticatio mexicana, seu rariora quaedam ex agris mexicanis decerpta, atque in libros decem distributa*, Mutinae, Apud Societatem Typographicam, 1781 e 2.<sup>a</sup> ed. *Rusticatio mexicana, editio altera auctior, et emendatior*, Bononiae, 1782.
- LAIRD, A. & ARBO, D. Columbus. The Lily of Quito, and the Black Legend: The Context of José Manuel Peramás Epic on the Discovery of New World: “De invento Novo Orbe inductoque illuc Christi sacrificio.” *Dieciocho*, v. 38, n. 1, 2015, pp. 7-32.
- LE FEBVRE, François Antoine, S.J. “Aurum.” In: *Poemata Didascalica vel Edita vel Collecta Studiis Fr. Oudin*, ed. François Oudin, S.J., 2 vols., 1:210-223. Paris: Petrum Aegidium le Mercier, 1749.
- LEITE, S., Serafim, SJ. Palavras do Sr. Serafim Leite, S.I.. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 40, v. 62, julho – dezembro, 1941, pp. 209-211. \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 vols., Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950.
- MARIANO, Alexandra de Brito. “Visões do ‘outro’ no Brasil colonial”. In: *Avanços em Literatura e Cultura Brasileiras*. vol. 6 (eds. Petar Petrov et al.). Santiago de Compostela – Faro: Associação Internacional de Lusitanistas,

Através Editora, 2012, pp. 27-42. [ISBN-978-84-87305-60-3 ]  
\_\_\_\_\_. New World ‘Ethiopians’: Slavery and Mining in Early Modern Brazil through Latin Eyes. In: HASKELL, Y. & RUYS, J. F. (Eds.). *Latinity and Alterity in the Early Modern Period*. Tempe, AZ: Medieval and Renaissance Texts & Studies; Arizona: Brepols, 2010, pp. 201-220.

\_\_\_\_\_. As Minas de ouro das Américas, novos espaços para a imaginação científica. In: OLIVEIRA, F., TEIXEIRA, C., DIAS, P. B. (Orgs.). *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas. Actas de Congresso – VII Congresso APEC*. Coimbra: Associação de Estudos Clássicos e Imprensa de Universidade de Coimbra. Vol II, 2009, pp. 395-404. . Acessível em: [https://bdigital.sib.uc.pt/classicadigitalia/bitstream/123456789/18/5/espacos\\_e\\_paisagens\\_vol\\_2.pdf](https://bdigital.sib.uc.pt/classicadigitalia/bitstream/123456789/18/5/espacos_e_paisagens_vol_2.pdf)

\_\_\_\_\_. *Brasilienses aurifodinae. O ouro e a literatura didáctica no Brasil Setecentista*, 2 vols. [Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve]. Faro. 2005.

MARNOTO, Rita. Os estatutos da Arcadia Romana e da Arcádia Lusitana. *Miscelânea de estudos em honra de Maria Manuela Gouveia Dellile*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Germanísticos, Coimbra, pp. 667-686, 2011.

MELO, José Rodrigues de, SJ, e Prudêncio do Amaral, SJ, *Geórgicas brasileiras: cantos sobre coisas rústicas do Brasil*, reedição da edição princeps de 1781, trad. port. de João Gualberto Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva, Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1941.

\_\_\_\_\_. *Temas rurais do Brasil*, obra em latim, introd. e trad. port. de Raul José Sozim e Sérgio Monteiro Zan, Ponta Grossa: Univ. Estadual de Ponta Grossa, 1997.

O’NEILL, Charles E., SJ e DOMÍNGUEZ, Joaquín M., SJ (Dirs.). *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús (Biográfico-Temático)*, 4 vols. Roma: Institutum Historicum, S.I., 2001.

RODRIGUES, Mirtes Rocha, e Celso Pontara. “Brasilienses Aurifodinae: Sua Dúbia Aatoria.” *Revista De Letras*, vol. 19, 1977, pp. 127–140. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/27666256](http://www.jstor.org/stable/27666256). <Acedido em 31 de maio 2021>

SOMMERVOGEL, Carlos, SJ, et al. (eds.), *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 12 vols., Brussels: Oscar Schepens, Paris: Alphonse Picard, 1890-1932.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1916, p. 212.

VERSIANI DOS ANJOS, C. (2019). A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII / The Roman Arcadia and the Arcadia Ultramarina: Literary Dialogues between Italy and Brazil in the Second Half of the Eighteenth Century. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 28, n. 3, 2019, pp. 83-114. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.28.3.83-114>.

VIEIRA, António, SJ. Sermão da 1.<sup>a</sup> Oitava da Páscoa”. In: VIEIRA, A. *Sermões*, vol. II, t. V. Porto: Lello & Irmão, 1959, pp. 219-255.